

PEREGRINAÇÃO DE ULISSES E DE VASCO DA GAMA

Maria Paula Lamas

A idéia do homem como peregrino e da vida como peregrinação é comum a muitos povos e tradições (...), concordando já com o grande mito da origem celeste do homem, a sua 'queda' e a sua aspiração a regressar à pátria celestial, tudo o que dá ao ser humano um caráter de estranheza na morada terrestre, ao mesmo tempo que uma transitoriedade a todos os seus passos na terra. O homem parte e regressa (*exitus, reditus*) ao seu lugar de origem. Precisamente porque a existência é uma peregrinação, esta tem valor como ato religioso (...). No simbolismo do peregrino entram também todos os atributos deste: a concha, o cajado ou báculo, o poço com a água de salvação que encontra à sua passagem, o caminho, o manto etc. Este símbolo tem relação com o do labirinto. Peregrinar é compreender o labirinto como tal e tender a superá-lo para chegar ao 'centro'.

(Juan Eduardo Cirlot, *Dicionário de símbolos*)

Ao escrever *Os Lusíadas*, Luís de Camões baseou-se em variadas fontes, entre as quais se encontra a *Odisséia*, de Homero. Ambas as obras apresentam como fulcro uma viagem repleta de aventuras e de perigos, dificultando a concretização dos objetivos planeados pelos intervenientes, e, conseqüentemente, transmitindo maior heroicidade⁴ às respectivas ações.

Por um lado, Ulisses é o protagonista da *Odisséia*, pois é centrada nele que toda a história se desenvolve, por outro, n' *Os Lusíadas*, Vasco da Gama, no seu papel de capitão da armada, surge encaixando os marinheiros que o acompanhavam. Assim, opondo-se ao herói homérico que é individual, o herói camoniano é coletivo, englobando Vasco da Gama, a sua tripulação, todas as personagens históricas que se evidenciaram, e, inclusivamente, o Poeta através do

⁴ Maria Vitalina Leal de Matos define herói como «(...) todo aquele e só aquele que escolhe o caminho duro da justiça, recusando o que não merece e lutando pelo que deseja, conseguindo-o à custa do seu esforço.» (Matos, 1981:139).

seu magnânimo canto. Os próprios títulos das obras em análise são denunciadores de tal situação, pois *Odisséia* é um vocábulo de origem grega que significa «relativo a Ulisses» (Machado: 1086), e *Lusíadas* é uma palavra que surge em André de Resende e que remete para o povo português. É por este motivo que Ulisses sobressai, vencendo pela sua inteligência e pelo seu esforço todos os obstáculos com que se vai deparando, e, em contrapartida, Vasco da Gama não se evidencia na sua atuação (Cf. Saraiva, 1966: 98), sendo, permanentemente, auxiliado por Vênus. No entanto, não deixa de ser um herói, na acepção camoniana, entre muitos outros, todos eles contribuindo, em conjunto, para a glorificação da sua Pátria.

Apesar de Ulisses ser muito arguto e valente, nem sempre consegue alcançar os seus objetivos, contando apenas com os próprios meios. Deste modo, Vênus encontra paralelo em Atena, protetora de Ulisses, que, por várias vezes, o liberta de situações que o conduziriam à infelicidade ou, inclusivamente, à morte. A título de ilustração, tal sucede quando a deusa intercede junto do pai, Zeus, para que envie o seu mensageiro, Argifonte, a Ogígia, para ordenar a Calipso que liberte Ulisses ou quando Atena o salva da fúria da natureza, acalmando os ventos e as ondas e impelindo-o para terra firme e hospitaleira, a Feácia. Já de regresso a Ítaca, Ulisses ainda vai precisar de Atena, que o vai proteger dos inimigos, metamorfoseando-o em velho andrajoso, só lhe restituindo, oportunamente, a juventude e a beleza.

Ambas as navegações não estão isentas de controvérsia, verificando-se que Ulisses, logo de início, não pretende separar-se da família, constituída pelos pais, mulher e um filho menor, no entanto, o seu intento não vai vingar, sendo obrigado a partir com os seus companheiros, rumo a Tróia. Por seu turno, as expedições marítimas portuguesas eram polémicas, sendo esta óptica apresentada por Luís de Camões através de uma figura simbólica, o Velho do Restelo. No momento do embarque, este ancião vai surgir entre a multidão, na qual se inserem as chorosas mães, esposas e irmãs dos marinheiros, denunciando uma clara oposição à partida para o Oriente. O Velho do Restelo apresenta vários argumentos que explicam a sua tomada de posição: a separação ou mesmo desagregação da família; o materialismo que norteava os navegantes e a sua ambição desmedida de fama e de glória; o fato de Portugal ficar mais à mercê do inimigo, e,

ainda, todos os perigos, doenças e mortes que esta viagem, inevitavelmente, proporcionaria.

Um outro aspecto relevante que diferencia as obras em causa é o fato de a viagem de Ulisses ser, essencialmente, produto da imaginação de Homero.⁵ Em contrapartida, a expedição de Vasco da Gama à Índia é fundamentada, predominantemente, em ocorrências verídicas sobre as quais Luís de Camões se debruça. Seguindo os relatos de cronistas e de historiadores, o Poeta orgulha-se de narrar a *verdade*,⁶ que adjetiva de *nua e pura* (Camões, 2000: 215), opondo-a às *vãs façanhas*, que são *fantásticas, fingidas, mentirosas* (*Ibidem*: 73), como faz questão de salientar. Luís de Camões segue, de perto, a realidade, quer através das fontes históricas a que recorre, como através de muitos outros testemunhos nos quais se insere a própria experiência, bem visível na descrição fiel de paisagens, com as respectivas fauna e flora, e nas observações relativas aos costumes de diferentes povos. Inclusivamente a utilização do maravilhoso pagão denota o carácter do povo português, e, ocasionalmente, reflete acontecimentos históricos, confirmando-se que «(...) le poids de la réalité dans *Os Lusíadas* est immense.» (Bismut, 1983: 100).

No decurso das respectivas viagens, Ulisses e Vasco da Gama vão identificar-se no papel que ambos desempenham de *peregrinos*, na medida em que a sua caminhada na Terra é muito espinhosa, repleta de provações, mas, nunca desistindo dos seus intentos, prosseguem rumo à glorificação, superando os obstáculos que os separam da sua saudosa Pátria. Vasco da Gama é atraído, por várias vezes, tal sucedendo, por exemplo, quando desembarca em Moçambique. No entanto, consegue ultrapassar esta situação, aceitando um piloto cuja verdadeira missão era destruir a frota lusitana, aproximando-a, para isso, da costa de Quíloa. Os portugueses, auxiliados por Vênus,

⁵ «*Tudo é incerteza acerca do autor da Iliada e Odisseia. O mesmo quanto ao assunto dos dois poemas: não há base para decidir se houve ou não tal cerco de Tróia, se a Iliada é um poema de fundo histórico ou mera fantasia guerreira; e o que se afirmar da Iliada tem de dizer-se também da Odisseia, porque esta, na essência, deriva daquela, ai tem seu fundamento, de lá tira a sua verdade.*» (Homero, 1972: XI).

⁶ Oliveira Martins defende que Luís de Camões, ao celebrar os feitos dos portugueses, evoca a «(...) verdade exacta, psicológica e histórica, (...) que, juntando-se ao carácter científico da paixão universal do tempo, constitui o traço verdadeiramente épico dos *Lusíadas*, como expressão da fisionomia real e actual da nação portuguesa.» (Martins, 1986: 35).

que está sempre atenta e nunca os desampara, são afastados do perigo eminente através de fortes *ventos contrários*. Outras tentativas de aniquilamento são arquitetadas pelo principal oponente, Baco, em Mombaça, fazendo-se passar, inclusivamente, por sacerdote cristão, junto de dois homens que tinham ido a terra recolher dados sobre o local e que, ludibriados, trazem informações incorretas. De novo, é Vênus, com a colaboração das nereidas, que impede a entrada dos lusitanos no porto inimigo. Estes incidentes, onde intervêm os deuses pagãos, de acordo com os ideais renascentistas, denunciam que esta primeira viagem marítima de Portugal até à Índia é tarefa arrojada e minada de armadilhas.

O mesmo acontece na *Odisséia* com Ulisses que, ao regressar do cerco de Tróia, que se prolongou por dez longos anos, não vai ainda poder matar as saudades da família, abraçando a sua mulher, Penélope, e o seu filho, Telêmaco, pois vai perder-se da sua frota, sendo forçado a deambular durante mais dez longos anos por muitos locais ameaçadores à sua integridade física. Na realidade, ao longo do caminho, surgem muitas ciladas, como é o caso da ilha habitada pelas lindas sereias, detentoras de fatal sedução. Avisado por Circe deste arдил, Ulisses tomara as devidas providências, mandando tapar os ouvidos dos seus companheiros com cera amolecida, evitando, deste modo, que fossem atraídos pelas melodias harmoniosas, e, garantindo que continuariam a remar, incessantemente, até se afastarem dos fatídicos seres. Só ele pôde apreciar essas cativantes vozes, mas vigorosamente preso, com fortes cordas, ao mastro do navio, evitando a morte. A própria Circe nem sempre fora amiga de Ulisses, pois, aquando da estadia deste na sua ilha, enfeitiçara os seus companheiros, metamorfoseando-os em porcos e enjaulando-os em pocilgas, preparando a Ulisses idêntica sorte. No entanto, a bebida que continha a droga conducente à submissão não funcionou com Ulisses, que, posteriormente, convenceu Circe a desfazer os seus anteriores feitiços, libertando os homens da escravidão a que estavam submetidos.

Indubitavelmente as caminhadas de Ulisses e de Vasco da Gama são muito tortuosas e estão recheadas de perigos, tornando as expedições mais morosas. Por vezes, esses impedimentos revestem as características de terríveis monstros, simbolizando complexas dificuldades.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

N'Os *Lusíadas*, no momento mais temível da rota, surge o Adamastor, encarnando todos os receios que o *Tormentório* representava para os portugueses, por causa da respectiva localização geográfica, propícia à confluência de ventos e correntes contrárias. O Gigante através da sua terrífica caracterização vai amedrontar os navegantes, que só respiram de alívio, depois de se distanciarem daquele tenebroso local. A nuvem, muito carregada, que pairou sobre a frota enquanto os barcos se encontravam nas proximidades do Cabo da Boa Esperança, desvanece-se, logo após a sua passagem, anunciando que aquele risco cessara e tornando mais credível a possibilidade da chegada à Índia.

De idêntica forma, Ulisses vai confrontar-se com duas personagens monstruosas, Cila e Caribdes, possuindo a primeira seis cabeças, com longos pescoços, de goelas permanentemente insaciáveis, e a segunda uma enorme boca, sorvendo e tragando as ondas do mar, várias vezes, ao longo do dia. Perante estes horríficos seres, era impossível que todos os navegantes escapassem ilesos, tendo Ulisses impotentemente assistido ao massacre de seis dos seus companheiros que aflitivamente se debatiam contra Cila, tentando, em vão, escapar à cruel morte. Por outro lado, apresentando certas identidades com o Adamastor, surge Polifemo (Cf. Saraiva, 1966: 98), gigante igualmente solitário, que tinha como principal característica física possuir apenas um olho. É precisamente este fato que vai possibilitar a Ulisses a sua fuga da caverna onde se encontrava aprisionado, cegando Polifemo através de uma artimanha, argutamente arquitetada, conseguindo, deste modo, escapar do desenlace planejado.

Os numerosos obstáculos que Ulisses e os portugueses têm de enfrentar, ao longo da viagem, são tão difíceis de superar que conduzem à heroicidade dos protagonistas das respectivas ações, traduzida na fama que longinquamente se propaga. Esse eco de notabilidade aparece em ambas as obras, sob diversas formas.

Na *Odisséia*, é de salientar, na festa oferecida pelos reis da Feácia, o papel de Demódoco, um cego cantor, que tinha o dom de deleitar os ouvintes. Este aedo vai celebrar as proezas relativas ao longo cerco de Tróia, referindo a hábil estratégia do cavalo fabricado por Epeu onde se camuflaram os guerreiros mais valentes que iriam destruir a cidade, entre eles Ulisses. O melodioso cântico é tão emo-

cionante que Ulisses não consegue conter as lágrimas, fato que não passa despercebido ao rei Alcínoo. Para não perturbar o hóspede, o rei ordena a Demódoco que cesse a sua intervenção, solicitando a Ulisses que lhe conte quem era, de que família e pátria era oriundo, e por onde andara errante. Acedendo ao pedido do rei Alcínoo, Ulisses vai narrar as suas inolvidáveis aventuras.

Relativamente aos lusitanos, várias personagens referem o seu valor, destacando-se as próprias divindades, nas quais se insere o parecer do pai, Júpiter, reiterando a magnitude das ações praticadas. Por outro lado, é Vasco da Gama que, à semelhança da narração feita por Ulisses ao rei Alcínoo, informa o rei de Melinde sobre as origens de Portugal, a sua História, a sua população, as proezas praticadas por ilustres figuras e as peripécias ocorridas na rota de Lisboa até àquele amigável porto.

As viagens de Ulisses e de Vasco da Gama são desgastantes, a nível físico e psíquico, pois há muitos momentos de debilidade corporal e de desalento. Ambos vão poder recompor-se da fadiga, encontrando povos verdadeiramente hospitaleiros que, por um lado, os ouvem e os apóiam emocionalmente, por outro, lhes proporcionam a concretização dos respectivos objetivos, no caso de Ulisses, o regresso à Pátria, em segurança, e, no respeitante a Vasco da Gama, a possibilidade de encontrar o rumo certo para a Índia.⁷

Depois de uma enorme tempestade, Ulisses vai parar à terra dos Feácios onde vai ser conduzido pela princesa Nausícaa ao palácio real. Aí, os reis Alcínoo e Areta vão prontificar-se a ajudar Ulisses, de início, alojando-o para que ele se restabeleça, e, posteriormente, preparando-lhe o regresso a Ítaca. Finalmente, o herói vai ser conduzido à sua Pátria num barco novo remado por cinqüenta e dois

⁷ Poder-se-á estabelecer um paralelo entre o restabelecimento proporcionado pelos reis da Feácia e de Melinde e o papel desempenhado pela Santa Madre Igreja, no *Auto da Alma*, de Gil Vicente, que surge como uma *pousada celestial*, localizada na Terra, imprescindível na recuperação do desgaste aí sofrido, *alimentando* e fortalecendo o Homem, com vista à sua absolvição. A Alma, por sua vez, identifica-se com a Eva, como todo o Ser Humano, cuja tortuosa *peregrinação* terrestre é ocasionada pelo Pecado Original. Sobre este assunto apresentámos uma comunicação intitulada «A Eva e a Alma», no *I Congresso Internacional de Língua Portuguesa*, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em Julho de 2004. O texto foi publicado na revista *SOLETRAS*, pertencente ao Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, em Junho de 2005.

homens, os quais são selecionados entre os mais hábeis, garantindo que, daquela vez, nenhum mal lhe sucederia. É esta viagem que vai proporcionar o reencontro de Ulisses com a família, apesar de ainda haver uns contratempos para superar, relacionados com os pretendentes de Penélope que, oportunistamente, se mantinham em sua casa e de quem, ainda, teria de se livrar.

Por seu turno, Vasco da Gama vai encontrar idêntica proteção por parte do rei de Melinde. Tal como aconteceu com Ulisses, na Féácia, Melinde é o local onde os portugueses vão poder descansar das longas fadigas. Paralelamente ao rei Alcínoo e à rainha Areta, o rei de Melinde vai desempenhar semelhante função, pois vai proporcionar aos portugueses a continuação da viagem, em segurança, disponibilizando um experiente piloto, que vai garantir a Vasco da Gama a chegada ao seu destino, a Índia.

Luís de Camões, depois de os portugueses terem alcançado o seu grande objetivo, chegando ao Oriente, vai colocar-lhes, na sua rota de regresso à Pátria, uma ilha paradisíaca - a Ilha dos Amores - habitada por lindas ninfas. Trata-se de um local idílico, situado fora da ação central, simbolizando a glorificação da mesma. Os lusitanos vão ser magnificamente recebidos por Tétis e todos eles vão ter o seu encontro amoroso com uma das deusas. Ao relacionarem-se fisicamente com as divindades, as barreiras que os separaram delas, ao longo de toda a viagem, desvanecem-se, transmitindo-lhes uma justa imortalização pelos feitos alcançados.

Igualmente considerando Ulisses digno de uma divindade, Calipso vai enamorar-se dele, pretendendo mantê-lo na sua ilha, semelhantemente paradisíaca. Inclusivamente a deusa promete a Ulisses que, caso decidisse ficar com ela, o tornaria imortal e permanentemente jovem. No entanto, Ulisses troca esta juventude eterna e a resultante imortalidade pelo envelhecimento natural, ao lado daqueles a quem realmente ama - a mulher e o filho. Penélope é o paradigma de fidelidade, altruísmo, abnegação, espírito de sacrifício, em suma, representa o verdadeiro amor conjugal, que supera a distância no tempo e no espaço, motivo que a leva a alhear-se de qualquer pretendente. Por seu turno, Telêmaco revela o sincero amor filial, ultrapassando difíceis obstáculos, na esperança do seu reencontro com o pai.

A decisão de Ulisses, ao optar pelo regresso à Pátria, à família, enfim ao Mundo terrestre, abdicando da apetecível imortalidade, é bem elucidativa da importância que adquire a existência humana. É face à imperfeição que se aprecia a perfeição e é, precisamente, na transitoriedade da vida que se encontra o seu sentido. Homero, ao escrever esta obra, revela intenções de carácter didático, procurando incutir no leitor valores universais, à semelhança do que se verifica n' *Os Lusíadas*. É por este motivo que, ao longo da epopéia, Luís de Camões atribui ênfase ao sentimento supremo do qual derivam os outros, o amor, o principal motor impulsionador do Mundo.

Jorge de Sena fez um estudo relativo aos *Lusíadas* (Cf. Sena, 1980), em que testou, entre vários aspectos, a *regra de ouro*,⁸ comprovando que, à semelhança de outras obras de arte do Renascimento, Luís de Camões apresenta, no seu poema, um perfeito equilíbrio entre as várias partes que o constituem e a globalidade do mesmo, resultando numa composição muito harmoniosa aos olhos do leitor. Deste modo, ao aplicar a *regra de ouro* às duas grandes partes em que se divide a epopéia, Jorge de Sena confirmou que a primeira aplicação coincide com o episódio da morte de Inês de Castro, vítima, por aludidas razões de Estado, do amor que a ligava ao príncipe herdeiro do trono português, D. Pedro, e, a segunda aplicação resulta na intervenção do próprio Amor junto das ninfas para que se apaixonem pelos portugueses. Perante tais resultados, confirma-se que há uma mensagem veiculada por Luís de Camões que sobressai, no decurso da obra, uma mensagem de amor.

Ulisses e Vasco da Gama vão regressar ilesos à sua Pátria, transportando consigo, respectivamente, o ouro, os vestidos, as especiarias e outros objetos valiosos, nenhum deles comparável à riqueza que representa o retorno à família, o maior bem do qual, saudosamente, se afastaram. Apesar de pertencerem a épocas bem distintas, verifica-se que Homero e Luís de Camões apresentam, como paradigma de conduta social, a caminhada do Ser Humano, com os seus avanços, as suas oscilações e os seus recuos, traduzidos em momen-

⁸ O *número de ouro* (0,618...) é tido pelos Antigos como a proporção justa e perfeita que deve reger qualquer obra de arte. Foi utilizado, no Renascimento, por grandes artistas, como Miguel Ângelo, Leonardo da Vinci e Botticelli, que procuravam uma *relação ótima* entre as partes e o todo das respectivas obras, de forma a suscitar uma sensação mais agradável à vista.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

tos de êxito e de fracasso, todos estes passos igualmente importantes na *peregrinação* terrestre, com vista ao amadurecimento do Homem e à plena realização da vida, rumo à felicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISMUT, R. Fiction et réalité dans *Os Lusíadas*. In *Camões à la Renaissance*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, 1983.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Org. de Emanuel Paulo Ramos, Porto: Porto Editora, 2000.

CIRLOT, Juan Eduardo. *Dicionário de símbolos*. Trad. de Carlos Aboim de Brito, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.

HOMERO, *Odisseia*. 4ª ed. Trad., pref. e notas pelos padres E. Dias Palmeira e M. Alves Correia. Lisboa: Sá da Costa, 1972.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, vol. III. Lisboa: Confluência, [s./d.].

MARTINS, Oliveira. *Camões*. 4ª ed. Lisboa: Guimarães, 1986.

MATOS, Maria Vitalina Leal de. *O canto na poesia épica e lírica de Camões*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

SARAIVA, António José. *História ilustrada das grandes literaturas*, 1º vol., Lisboa: Estúdios Cor, 1966.

SENA, Jorge de. *A estrutura de «Os Lusíadas» e outros estudos camonianos e de poesia peninsular no séc. XVI*. 2ª ed. Lisboa: Edições 70, 1980.